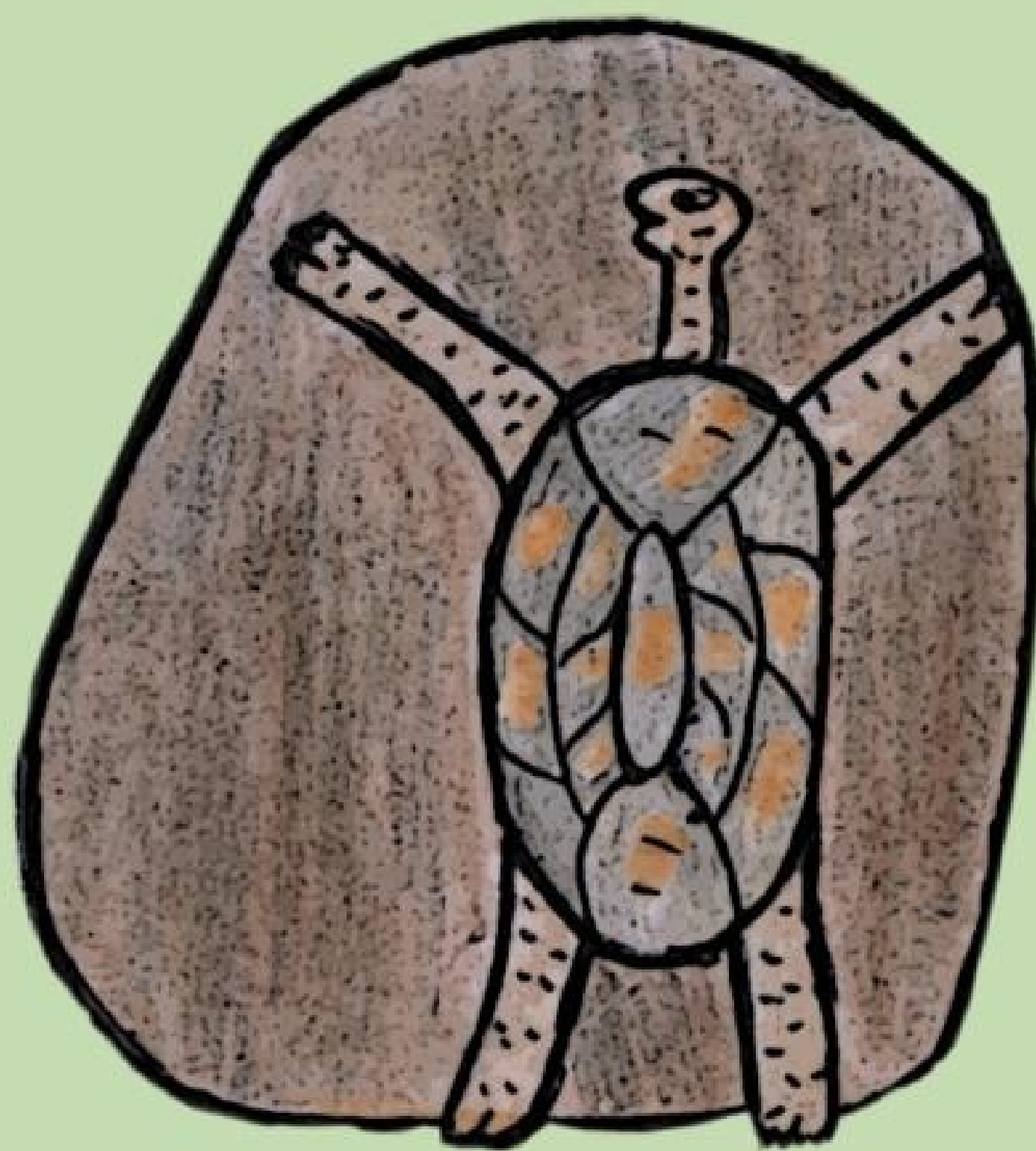


Guikuri Kere



Escola: Kisibi/YUPURI-BU'U

Sérgio Francisco Lages Massa (uñ uš ĩ), Arabela Lages Massa (Uaho),
Dariana Valência Campos (Diakarapo), Dênis Clay Pimentel Paz (Miř iõ),
Francinildo Sampaio Paz (uñ ušĩ), Widelma Pinheiro Campos (uñ uš ĩ).

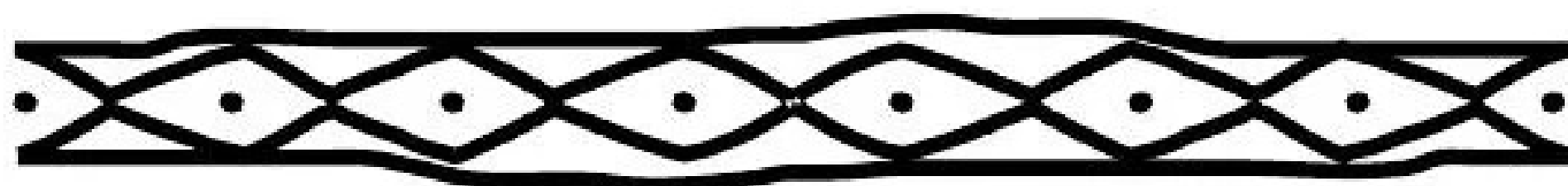
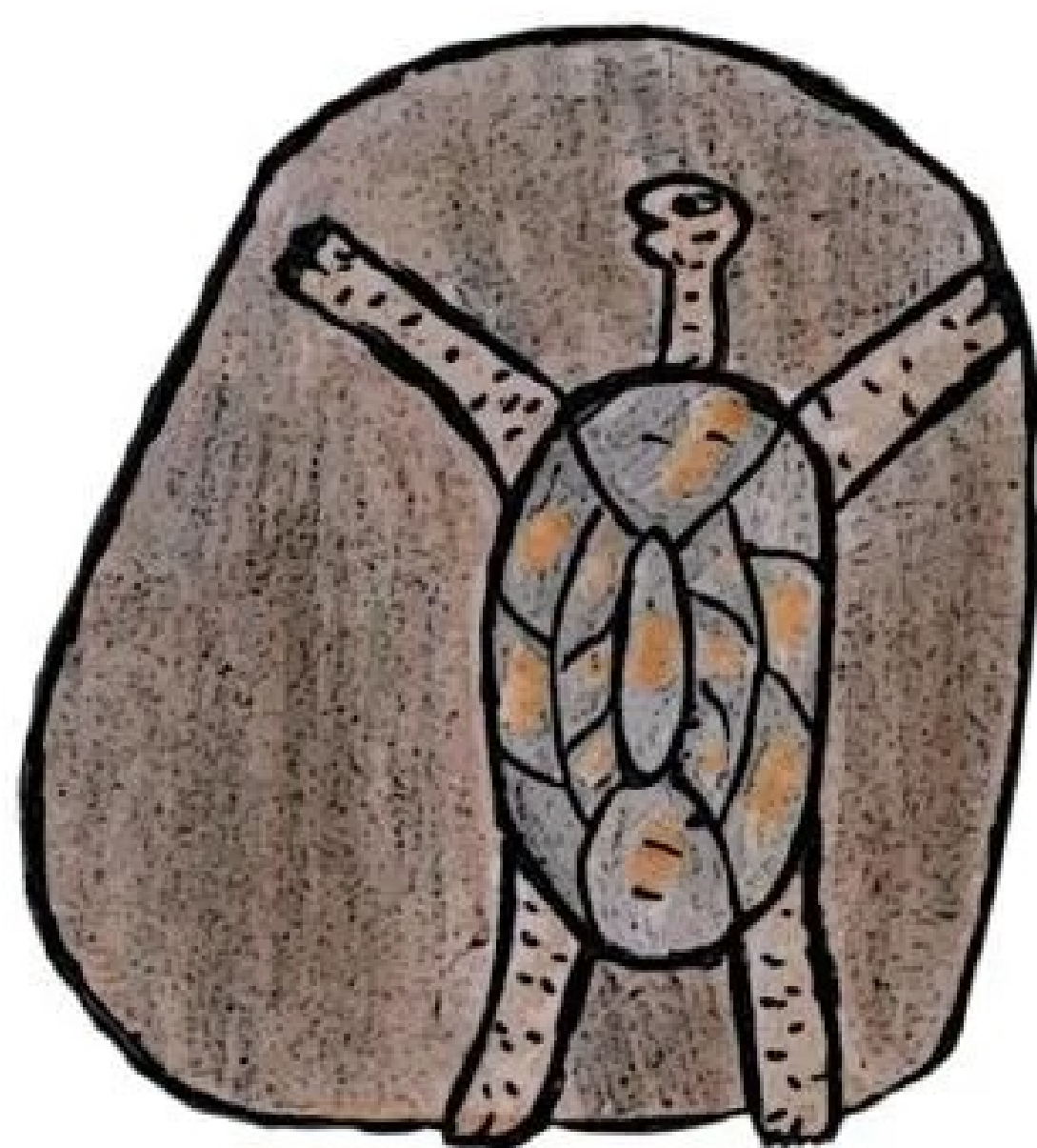
Organização

Wilson de Lima Silva e Frank José C. Matos





Guikuri Kere



Presidente da República

Dilma Vana Rousseff

Ministro de Estado da Justiça

José Eduardo Cardozo

Presidente da Fundação Nacional do Índio

Maria Augusta Boulitreau Assirati

Diretor do Museu do Índio

José Carlos Levinho

**Coordenador de Divulgação Científica
e editor do Museu do Índio**

Carlos Augusto da Rocha Freire

Coordenadora de Patrimônio Cultural

Ione Helena Pereira Couto

Chefe do Núcleo de Biblioteca e Arquivo

Rodrigo Piquet Saboia de Mello

Conselho Editorial

Gestão e Consultorias do Projeto de
Documentação de Línguas e Culturas Indígenas

Coordenação de Design e gestão gráfica

Simone Melo

Equipe de Consultoria de Design

Ingrid Lemos

Guto Miranda

Helena de Barros

Maria Clara Pires Costa

Priscila Freire

Priscilla Alves de Moura

© 2014 Museu do Índio - FUNAI

811.87

G952

Guikuri Kere / Escola: Kisibi / YUPURI-BU'U ... [et al.] ;
Wilson de Lima Silva e Frank José C. Matos
(organização) – Rio de Janeiro : Museu do Índio -
FUNAI, 2014.
64 p. : il. color. ; 21 x 28 cm

ISBN 978-85-85986-57-5

1. Linguística. 2. Desano. I. Silva, Wilson de Lima.
II. Matos, Frank José C. III. Museu do Índio (Rio de
Janeiro, RJ). IV. Título.

Museu do Índio

Rua das Palmeiras, nº 55
Botafogo • Rio de Janeiro • RJ • Brasil
CEP 22.270-070
Tel.: (55) 21 3214 8700
www.museudoindio.gov.br

Guikuri Kere



Escola: Kisibi / YUPUri-BU'U

Sérgio Francisco Lages Massa (uĩ uš í) , Arabela Lages Massa (Uaho)
Dariana Valência Campos (Diakarapo), Dênis Clay Pimentel Paz (Miř iõ)
Francinildo Sampaio Paz (uĩ uš í) , Widelma Pinheiro Campos (uĩ uš í)

Organização

Wilson de Lima Silva e Frank José C. Matos

Museu do Índio - FUNAI
2014

EDITORIAL

Projeto de Documentação de Línguas Indígenas

Coordenação dos Projetos de Documentação de Línguas Indígenas

Bruna Franchetto

Gestão Científica dos Projetos de Documentação de Línguas Indígenas

Mara Santos

Concebido no âmbito do projeto:

Documentação de Língua Indígena Desano

Prodoclin/Museu do Índio/FUNAI

Autores

Arabela Lages Massa (Uaho)

Dariana Salência Campos (Diakarapo)

Dênis Clay Pimentel Paz (Mĩrĩõ)

Francinildo Sampaio Paz (Ũmũsĩ)

Sérgio Francisco Lages Massa (Ũmũsĩ)

Widelma Pinheiro Campos (Ũmũsĩ)

Organização

Wilson de Lima Silva e Frank José Carrasquilha Matos

Ilustradores (desenhos, fotos)

Arabela Lages Massa (Uaho)

Dariana Salência Campos (Diakarapo)

Dênis Clay Pimentel Paz (Mĩrĩõ)

Francinildo Sampaio Paz (Ũmũsĩ)

Sérgio Francisco Lages Massa (Ũmũsĩ)

Widelma Pinheiro Campos (Ũmũsĩ)

Transcrição das narrativas

Sérgio Francisco Lages Massa (Ũmũsĩ)

Frank José Carrasquilha Matos

Texto - tradução

Higino Aguiar

Revisão

Wilson de Lima Silva e Frank José Carrasquilha Mato

Colaboração pessoas e/ou instituições

Kisibi/Yupuri Bu'u

FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro

Agradecimentos

Professor Domingos Reis Massa, Escola Kisibi

Alunos da Escola Kisibi

Associação ou comunidade

Comunidade Desano de São Sebastião do Umari (Tiquié)

Assessoria Técnica do Prodoclin

Aline Varela Rabello Ferreira

Juliano Leandro

Gustavo Godoy

Secretariado Gráfico de Pre-Livros

Prodoclin - 2012

Ingrid Lemos

Arte e montagem gráfica

Ingrid Lemos

Tratamento de Imagem

Ingrid Lemos

Revisão e Produção Gráfica

Priscilla Moura

©2014

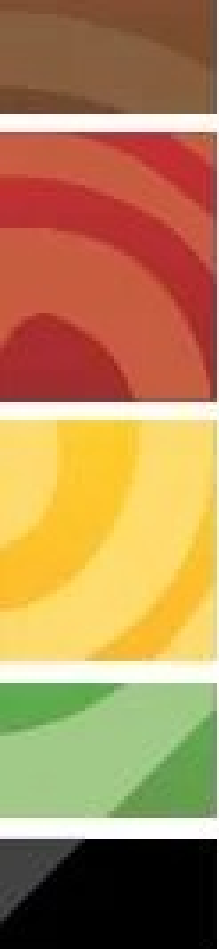
"Os direitos autorais sobre os desenhos e textos em língua indígena constantes da presente obra são de natureza coletiva e pertencem exclusivamente ao povo Desano. Fica proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma, das ilustrações contidas nesta obra, sem prévia e expressa autorização, por escrito, do povo indígena mencionado."



SUMÁRIO



Carta da Presidência da Funai	6
Apresentação do Museu do Índio	7
Documentação Linguística no MI	8
Documentação da Língua Desano	11
Os Livros de Contos Desano	12
Notas sobre a Ortografia	12
<i>Guikuri Kere</i>	15
<i>Ye Guikuri Měṛă</i>	23
<i>Guikuri Măḥṣăwehe Měṛă</i>	29
<i>Guikuri Nămă Měṛă</i>	35
<i>Wăhtĩ Guikuri Měṛă</i>	41
<i>Nômăă Guikuri Měṛă</i>	47



CARTA DA PRESIDÊNCIA DA FUNAI

Maria Augusta Boulitreau Assirati

Presidente da Fundação Nacional do Índio

O Museu do Índio, órgão criado em 1953 no âmbito do Serviço de Proteção aos Índios – SPI, e atualmente integrante da estrutura administrativa da Fundação Nacional do Índio- FUNAI, tem, nos últimos anos, desenvolvido importantes ações de preservação e salvaguarda do patrimônio cultural dos povos indígenas brasileiros, por meio de iniciativas que garantem a valorização desses saberes.

Nesse contexto, o Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas – PROGDOC é uma expressiva atividade técnica do Museu, resultado de um intenso volume de ações junto a diversos grupos indígenas.

Por meio de oficinas e cursos do Programa, jovens indígenas estão aprendendo a lidar com as novas tecnologias, voltadas à capacitação para o registro e a documentação de saberes tradicionais, tendo como resultado a salvaguarda e a preservação das culturas indígenas. Como incentivo a esse processo, foram concedidas 60 bolsas anuais para pesquisadores indígenas, de modo a permitir sua dedicação ao Projeto, cujas ações beneficiam cerca de 27 mil índios, abrangendo 105 aldeias em todo o território nacional.

Com a implementação da política cultural da FUNAI na área editorial, o Museu do Índio vem ampliando e diversificando suas produções, buscando permitir que os não-indígenas conheçam mais sobre a vida, o cotidiano, e as práticas dos povos indígenas. Somente nos últimos cinco anos, foram distribuídos mais de 100 mil exemplares, referentes ao lançamento de 35 títulos, entre eles, publicações, algumas assinadas por especialistas, e outras organizadas por professores indígenas.

Assim, contribuindo com esse processo de valorização de línguas e culturas ameaçadas, é com satisfação que a Funai, por meio do lançamento de cartilhas, narrativas e enciclopédias, participa do movimento de fortalecimento dos conhecimentos e das práticas culturais compartilhadas por diferentes povos indígenas.

APRESENTAÇÃO DO MUSEU DO ÍNDIO

José Carlos Levinho

Diretor do Museu do Índio/FUNAI

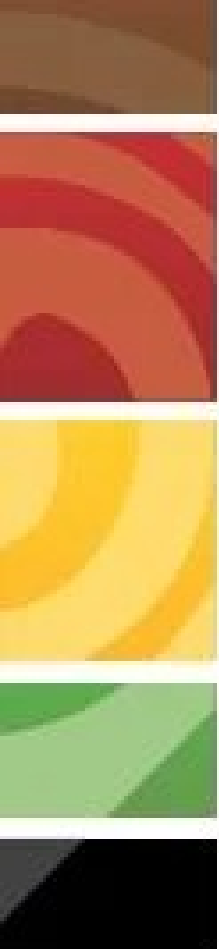
O Museu do Índio, da Fundação Nacional do Índio – FUNAI, é uma importante instituição de pesquisa sobre línguas e culturas indígenas. Tem sob sua guarda acervos relativos à maioria das sociedades indígenas contemporâneas, constituídos de 17.981 objetos etnográficos e 15.121 publicações nacionais e estrangeiras, especializadas em etnologia e áreas correlatas. Os seus diversos setores são responsáveis pelo tratamento técnico de 833.221 registros textuais que datam a partir do século XIX, em processo de digitalização, e de ampla e diversificada documentação audiovisual na sua maioria produzida pelos próprios índios. Esta abrange 163.553 fotos, 599 filmes e vídeos, 1.295 áudios e 771 horas gravadas. Um legado que não para de crescer.

A luta contra o preconceito aos povos indígenas e o intercâmbio de ideias e informações sobre esses grupos têm pautado as ações do Museu do Índio ao longo dos seus 60 anos de histórias. Nesse percurso, a instituição se consolidou como fonte de referência para estudos sobre questões indígenas - com destaque para os destinados à demarcação de terras - e estreitou as relações com os povos indígenas, dando visibilidade aos aspectos de sua cultura e apoio aos seus projetos para o futuro.

A instituição com o seu Programa de Apoio a Projetos Culturais já atuou, desde 2010, em 233 projetos que têm por finalidade promover e realizar atividades que contribuam para a promoção do patrimônio cultural dos povos indígenas com foco na sua cultura material.

Em processo de expansão, o Museu do Índio, hoje, apresenta novos espaços expositivos como o Muro do Museu, a Varanda do Museu e suas Lojas de Arte. A instituição recebe, em média, 35 mil visitantes por ano, compartilha as suas informações com, aproximadamente, 600 mil internautas e alcança 57.102 pessoas por meio da itinerância de suas exposições. Recentemente, incorporou duas unidades fora do Rio de Janeiro: o Centro Cultural Ikuiapá (MT) e o Centro Cultural Indígena de Formação Audiovisual de Goiânia – Guaias (GO).

Temos a certeza de que essa iniciativa de promover e divulgar as diferentes formas de expressão das culturas indígenas, por meio de uma crescente política editorial que vem sendo desenvolvida pelo Museu do Índio/FUNAI, contribui para a democratização em uma sociedade pluriétnica e multicultural.



DOCUMENTAÇÃO LÍNGUÍSTICA NO MUSEU DO ÍNDIO

Bruna Franchetto

Coordenadora do ProDoclin

Mara Santos

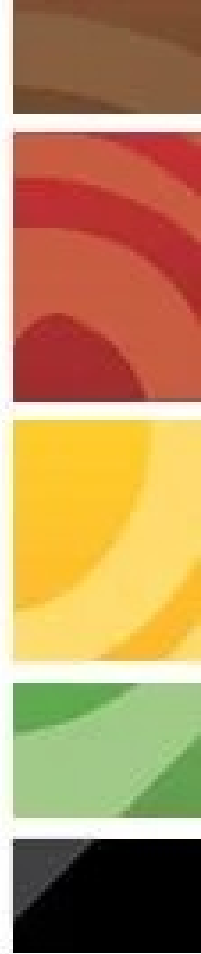
Gestora Científica do ProDoclin

A Fundação Nacional do Índio-FUNAI e UNESCO, por meio do Museu do Índio, órgão científico-cultural sediado no Rio de Janeiro, iniciaram em 2009 um amplo programa de documentação de línguas e culturas indígenas no Brasil, desenvolvido em conjunto com diversas instituições e pesquisadores.

O Museu do Índio possui longa tradição na área de documentação, pesquisa e difusão do patrimônio cultural indígena, de natureza material e imaterial. Por sua vez, a UNESCO vem desenvolvendo, desde pelo menos o final dos anos 1990, programas de proteção da diversidade lingüística por meio dos seus setores de Comunicação e Informação e de Cultura.

O movimento internacional em torno de línguas ameaçadas de desaparecimento se intensificou com a publicação de um artigo pelo lingüista Michael Krauss (1992), que estimou que 90 % das línguas do mundo estariam na beira da extinção no século XXI, se não fossem tomadas medidas preventivas. No contexto mundial e, em particular, sulamericano, o Brasil é um país onde se encontra uma das maiores densidades lingüísticas - ou diversidade genética; é, também, o país onde se encontra a menor concentração demográfica por língua. Sabemos que essas línguas pertencem a quarenta e uma famílias, dois troncos lingüísticos e que há pelo menos uma dezena de línguas isoladas, além de duas 'línguas crioulas'.

O número de falantes pode chegar a vinte mil (Guarani, Tikuna, Terena, Macuxi e Kaingang), assim como aos dedos de uma mão, ou mesmo a um único e último falante. A média fica em menos de 200 falantes por língua, mas mesmo entre as poucas línguas que contam ainda com muitos falantes, não há nenhuma que possa ser considerada "segura", ou seja, da qual é possível afirmar que provavelmente será, no final deste século, diariamente usada e transmitida de uma geração a outra. Ao contrário, não são poucos os casos de línguas faladas ou lembradas por somente poucas pessoas, usualmente idosas, e que quase inevitavelmente vão desaparecer dentro de poucos anos. Fatalmente, são muitas vezes estas línguas as menos conhecidas e cujo registro e resgate são pedidos, freqüentemente de modo dramático, pelos descendentes desses últimos falantes.



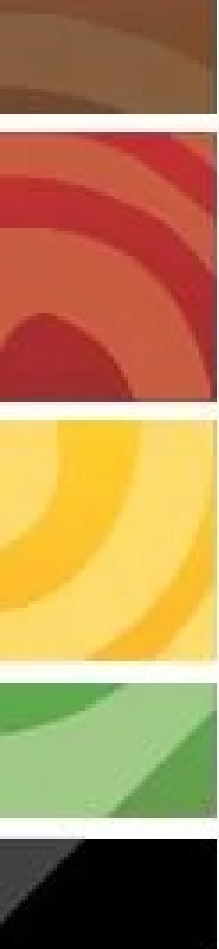
A documentação das entre 150 e 170 línguas nativas ainda existentes no país, a maioria concentrada na região amazônica, é então uma tarefa urgente. Estes números podem impressionar o grande público, mas é pouco em comparação com as estimativas de que teriam sido mais de 1200 línguas quando da chegada dos Europeus há 500 anos. Nos cinco séculos de conquista e colonização, mais de 80% dessas línguas se perdeu e com elas desapareceram inteiras configurações culturais e muitos saberes. Línguas vivas e reconhecidas na sua plenitude não são apenas repositórios de tradições e conhecimentos complexos e milenares, mas também os veículos de sua transmissão de uma geração para outra e a base de auto-estima e afirmação de alteridade, individual e coletiva.

A situação dessas línguas não é uma exceção no cenário mundial. Não há línguas indígenas “a salvo” no Brasil: são todas línguas minoritárias e dominadas pelo prestígio da língua nacional que emana da escola e das mídias, em contextos submetidos a transformações crescentes e profundas.

Existem muitos programas nacionais e internacionais voltados para a documentação de línguas do mundo. No Brasil, o Projeto de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas e, especificamente, o ProDoclin são a primeira iniciativa pública e governamental desta natureza. Há somente uma outra iniciativa desta natureza no Brasil, a do Museu Paraense Emílio Goeldi, órgão do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação.

A documentação linguística é, hoje, uma área de pesquisa em crescimento, que mantém laços interdisciplinares (etnologia, arqueologia, história, biologia) e com o desenvolvimento de tecnologias de ponta. Documentar uma língua, hoje, significa registrar, de modo sistemático e amplo, exemplos de seu uso em contextos culturais apropriados, os mais variados, visando à constituição de um corpus digital anotado.

Os acervos digitais multimídia (gravações áudio e vídeo anotadas) contêm materiais preciosos e preservados, acessíveis às comunidades indígenas e



para as futuras gerações de brasileiros. Visando a preservar o patrimônio cultural lingüístico dos povos indígenas e a promover o seu acesso, a FUNAI tem assinado acordos de cooperação internacional e com associações indígenas.

Todos os materiais coletados permanecem em instituições brasileiras, com cópias entregues, em formato adequado e acessível, às comunidades envolvidas. O Museu do Índio é o centro de coordenação e de apoio do ProDoclin, além do local de arquivamento dos materiais documentais produzidos por cada projeto.

O ProDoclin, além da preservação de materiais existentes em acervos particulares e em instituições públicas e privadas, realizou a documentação de 13 línguas entre 2009 e 2013, escolhidas por critérios tais como: o grau de ameaça a sua sobrevivência; condições de realização de um bom trabalho por equipes compostas por lingüistas e outros especialistas, das quais participam pesquisadores indígenas formados no âmbito de cada projeto específico; atitude positiva das comunidades quanto a iniciativas de preservação ou resgate de suas línguas nativas. Os projetos individuais produziram: diagnósticos sócio-lingüísticos; acervos digitais a partir de gravações áudio e vídeo de aspectos culturalmente relevantes, com anotação contendo, no mínimo, uma transcrição e uma tradução dos enunciados; uma base lexical para a construção de dicionário; uma gramática descritiva básica; subsídios didáticos, materiais de divulgação (vídeos, CDs, DVDs), bem como teses, dissertações e publicações de natureza científica.

Este livro é um dos produtos previstos e acalentados dos projetos ProDoclin, de seus pesquisadores indígenas e não-indígenas, bem como de toda a equipe gestora e técnica do Museu do Índio. Ele se destina em primeiro lugar aos povos indígenas que acolheram a proposta do ProDoclin abrindo suas línguas ao conhecimento de todos.

DOCUMENTAÇÃO DA LÍNGUA DESANO

Wilson de Lima Silva

Coordenador do ProDoclin Desano

OS DESANO E SUA LÍNGUA

A língua Desano é falada em cerca de 21 comunidades espalhadas entre os rios Papurí, Tiquié e Vaupés, na região do Noroeste Amazônico, no Brasil e na Colômbia. Ela pertence ao grupo Tukano Oriental da família linguística Tukano. Os falantes das línguas Tukano Oriental vivem em comunidades ao longo do rio Vaupés e seus afluentes, nos territórios brasileiro e colombiano. As línguas da família linguística Tukano Oriental também são faladas em comunidades ao longo dos rios Piraparaná e Cananari, ambos afluentes dos rios Apaporis, Caquetá e Japurá, na Colômbia. De acordo com o linguista Wilson Silva, a língua desano está fortemente ameaçada. Na maioria das comunidades desano no Brasil, se fala cada vez mais Tukano.

O Projeto Desano (PD) é uma iniciativa conjunta dos membros das comunidades e do pesquisador Wilson Silva desde 2007. A partir de 2009, o Projeto Desano recebeu apoio do Programa de Documentação Linguística (ProDoclin).

As principais metas do Projeto Desano são: (1) documentar e descrever a língua Desano; (2) documentar as tradições orais do grupo; e (3) colaborar com as comunidades e seus projetos de revitalização e preservação da língua e da cultura do grupo Desano.

Em relação à documentação linguística, o PD tem três objetivos principais: (1) produção de um corpus de textos, acompanhados de áudio e vídeo, com foco nas tradições orais do grupo Desano; (2) a compilação de um dicionário bilingue Desano-Português; e (3) a produção de uma gramática prática da língua Desano. Além disso, o Projeto Desano apoia ativamente as comunidades Desano em seus projetos de revitalização e manutenção da língua, através de oficinas linguístico-pedagógicas, treinamento de pesquisadores e professores indígenas e também colaborando na produção de material didático a ser usado nas escolas das comunidades.

OS LIVROS DE CONTOS DESANO

A idéia desses livros de contos surgiu durante as oficinas linguístico-pedagógicas realizadas na comunidade São Sebastião do Umari, no rio Tiquié, nos meses de junho e julho de 2012. Durante as oficinas, os membros da comunidade Desano apontaram a necessidade de se produzir livros de contos que pudessem ser utilizados nas escolas como material de apoio para o ensino e aprendizagem da língua.

Os contos e as ilustrações foram todos produzidos na comunidade. As revisões foram feitas com a colaboração da equipe do projeto (linguista e pesquisadores indígenas), colaboradores Desano, e membros da comunidade.

Esse livro de contos representa, assim, um resultado do trabalho conjunto entre os pesquisadores e os falantes da língua Desano.

NOTAS SOBRE A ORTOGRAFIA DESTE LIVRO

A ortografia da língua Desano ainda está em processo de revisão nas várias comunidades. Durante o Projeto Desano, foram realizadas diversas oficinas para discutir a normalização de uma ortografia para a língua desano.

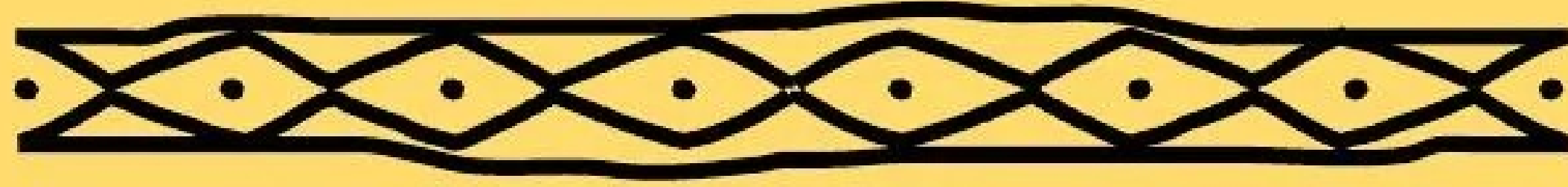
As consoantes da língua são:

b - bia 'pimenta'	ñ - ãñã 'cobra'
d - dehko 'água'	p - pãmũ 'tatu'
g - ga 'gavião'	- ero 'eles'
h - uhu 'pacú'	s - sero 'banco'
k - kero 'vaga-lume'	t - tarubu 'sapo'
m - mĩhĩ 'açaí'	y - yu'u 'eu'
n - nãhsĩ 'tucano'	w - wi'i 'casa'

As vogais orais são: a, e, i, o, u, u

As vogais nasais são: ĩ ũ ã õ ã - essas vogais ocorrem em morfemas e palavras nasais. Por exemplo: ĩgũ 'ele', wãĩ 'tio'.

Além das consoantes e vogais listadas, usa-se também na escrita o apóstrofe (') para indicar o som glotal, como nas palavras wa'i 'peixe' e wi'i 'casa'.



Guikuri Kere



Guikuri Kere

Guikuri ārīp̄ mēhēgūgā eropiḡ weh̄k̄ īgūrē
kurabiapik̄ap̄, yāhāōāri poekage. Īgū erogere
uh̄pikuri bohori ārīp̄.



P̄ri dehkomērē wea ah̄piyuro sip̄ deyua
mērē wa'ap̄.



“– Aṁ!” ārīpṁ īgũ guikuripṁ.

“– Yṁ’ṁ ārīka pare,” ārīpṁ.

Eropigṁ īgũ nūrūsiapṁ pare. Guikuri īgũ sērīpīrañē. I nūrūsiapṁ īgūrē pare.

Yoaro wa’abohkapṁ pare. Wehkṁya gṁrabure bohkaḥa sērīpipṁ.

“– Do’pā ārīkũ wa’ari?” ārīpṁ iri gṁrabure.



Yoawa 'a ĩgũ wa'arapɛrɛ ārĩ yɛriyaro. Eropãdita
sẽrĩpigãpɛ iri gɛrabɛrɛ, ĩgũ bohkari nũhkũ
sẽrĩpipɛ. Pɛri māmābure bohkaha sẽrĩpipɛ daha.
“– Do'pā ārĩkũ wa'ari?” ārĩpɛ.

“– Nē’ēgāgeta wa’amī sōgāta ārīkūmī,” ārī
yūriyaro iri gūrabu.

Mērōgāta wa’amā’ā īgūrē bohkap̄ pare.

Īgū wekh̄ ne pe’pirip̄. Du’pi māhsīri ārōpā
b̄hs̄p̄ īgū guikuri.

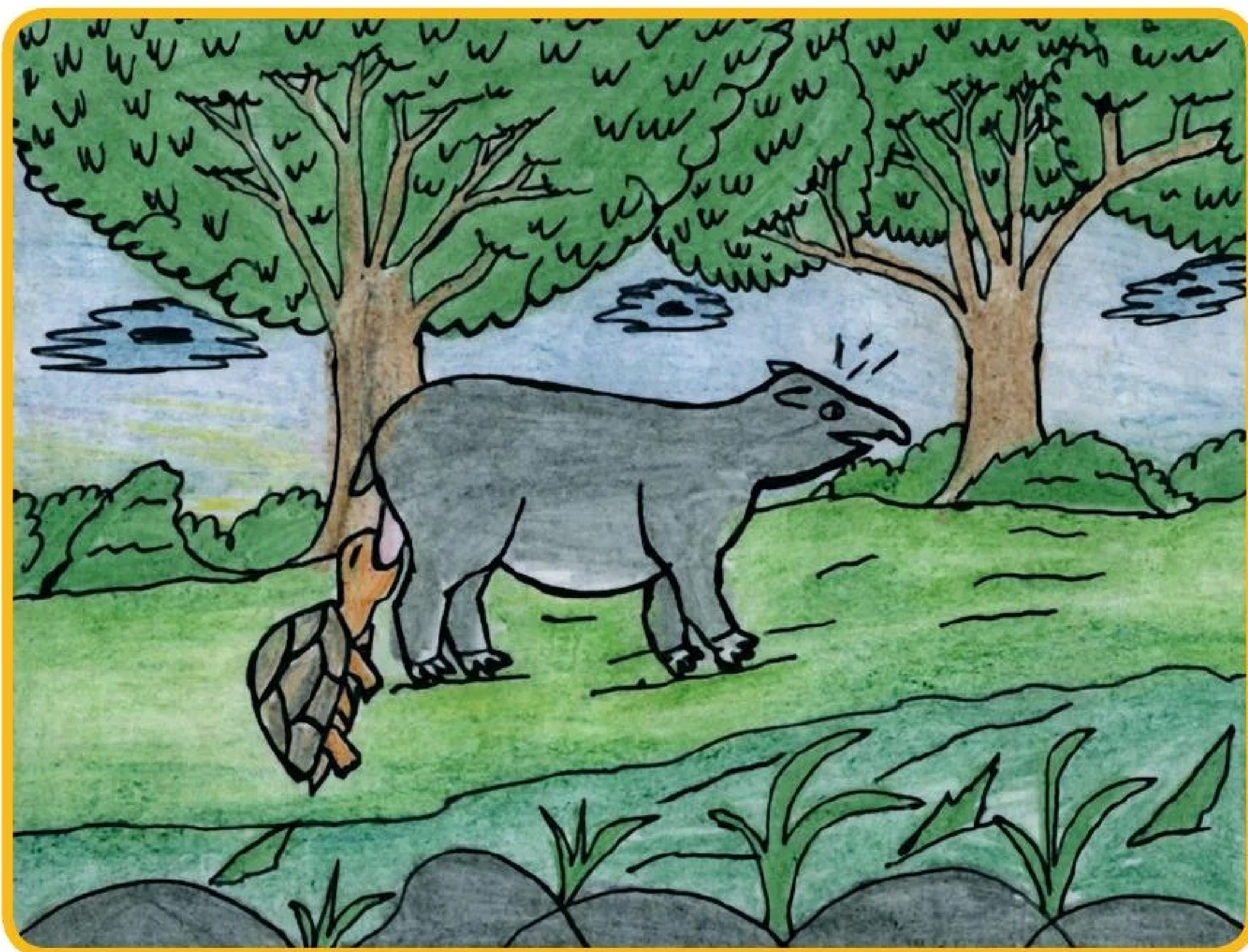


“– Ñě’měsubu... subu... ñě’měsubu.”
Īgũ eropã ārīkũ peigũ mũ’ũ ñě’měsubugũ irika
mũ’ũ.

“– I ãrã ehtoka duparu irire mĩmĩgũ arike.”

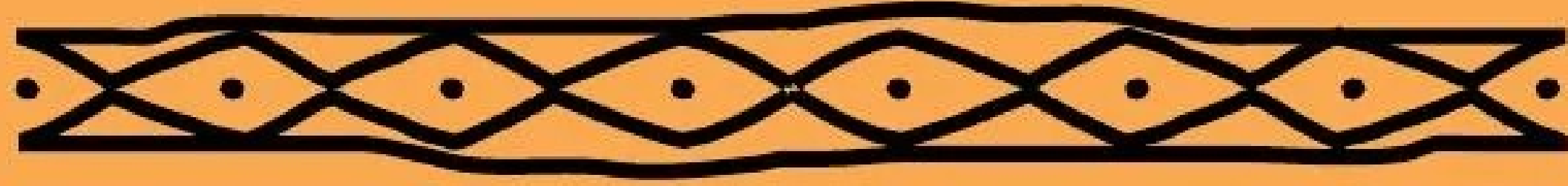
“– Aṭ!” Ārīgũta wa’akũrĩpuru mũhũpũ.

Īgũ wehkũpũ nẽ õārõ wa’aripũ tariwerediagũ.
Yṭhkũge weheradiagũ iripũ obiriyuro ĩgũrẽ. Īgũ
guikuripũ ĩgũ āhpĩrõtõge kũrĩtuyapũ.





Ероpigѳ ѓgѳ guikuripѳ ѓgѳ ѓhpїrѳtѳge
kїrїtakѳpѳ. Ероpigѳ ѓgѳ guikuripѳ ѓgѳ ѓhpїrѳtѳge
kїrїtakѳpѳ, i wehekѳpѳ.



Ye Guikuri Měrǎ



Ye Guikurimē Mērā

Ye gāmēbu ip̄. Yuhun̄ ārk̄ guikurip̄ ̄ ̄
āñūge m̄rībehea puripeyap̄.

“– Ye eherupu.” Ārīpuri peyap̄.

Īḡ purik̄ pe’eḡ nē yobobirip̄ era tohap̄
daha.

“– Nēnōhōipeyaḡirim̄’̄?” Ārīp̄.





“– I bea. ĩgã ba’agũ ia,” ãĩrũ guikurĩũ.

“– Ȳũ’ũ sãrẽ o’odihiuke ba’aduhribu ia,” ãĩrũ.

“– Aũ!” Æĩrũ ĩgũrũ.

Ĭgũ eropã ãĩrkũ pe’egũ õãrõ ȳyerosã medihiurũ
ĩgũ guikurĩũ. Ĭgãrũ mũhtãsiria wa’ayuro.

Ĭri mũhtãdeare nẽrẽduhripũ nẽ nẽ’ẽmãĩyuro.

“– O’odihiuke daha,” ãĩrũ.

“– Aũ!” Æĩrũ guikurĩũ.”

“– Erotamẽrẽ õãrõ kuiribiakã ñã’ãdoake,” ãĩrũ
guikurĩũ.



Pɛri yurimãdihia wa'apɛ keoro ĩgũ dihuru
mẽbeheapɛ. Ye guikurire nẽãgũ wa'aripɛ. ĩgũ
poro eheakũ guikuripɛ mãñãhã wa'apɛ gobege.

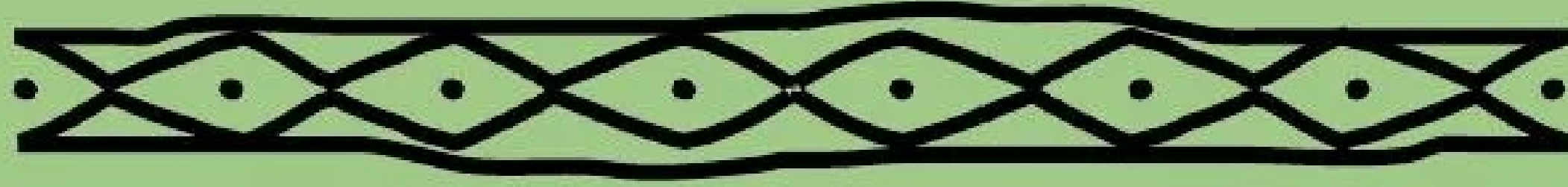
Ĩgũ mãñãhãkɛta ĩgũ yerɛ ñẽãripɛ ĩgũ
guburure. Iripeta guikuri yi'ipɛ.

“– Hɛɛ... Hɛɛ... Guburu nẽãgɛ ia ãrĩkũmĩ
sũmẽgũ nũgũre nẽãkurimĩ daha.”

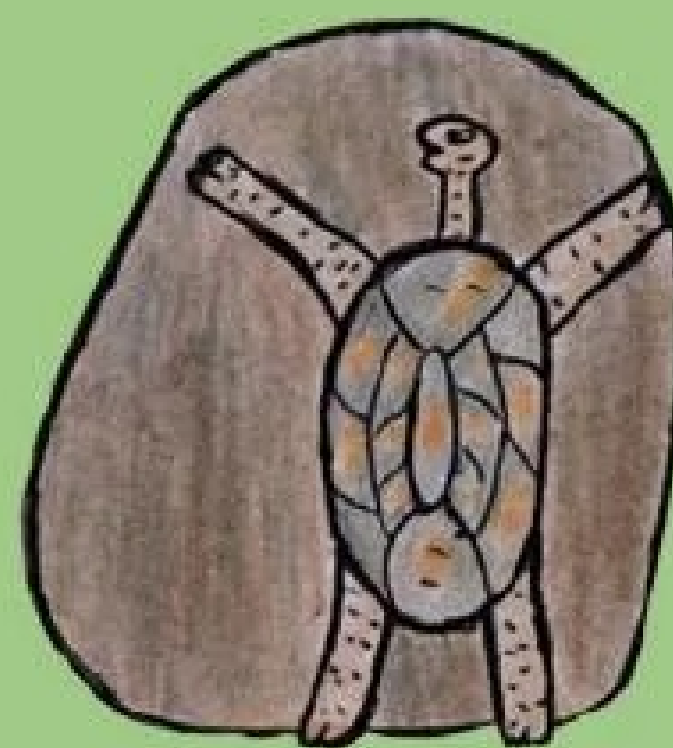
Yetamẽrã ãrĩ yi'pɛ guikuripɛ.







Guikuri Măhsăwehe Měră



Guikuri Māhsāwehe Mērā

Īgū māhsāwehe guikurire gahku mūtāp̄.
Īgūrē gahku tuanūta ñmūrũñũ d̄hka ñĩhkūge
mū'ũ wirika ārīp̄.

Īgū māhsāwehe ũmūrĩnũhkū sērēp̄p̄
guikurire. Īgū sērēpirinũhkū yurip̄. Īgū sērēp̄p̄
māhsāwehere.





“– Үм’м ба’ари нūмūrū дѳhka нїto’ariro?”

Ѓrї sєrєpїм mǎhsǎwehere.

Ѓgǔ mǎhsǎweherм yмpїм:

“– Mǎmǎ нїrї ārǎ,” ārї yмpїм.

Ѓgǔ mǎhsǎweherм sєrєpїм їgǔrє daha.

“– Dō’pǎ ārїrї mǔ’ǔ ba’akм ārїrї mǔ’м?”

Ѓrї sєrєpїм.

Guikurїм yмpїм daha:

“– Үм’м mǎmǎ нїrїrє ba’agм ārїbм.”

Ѓgǔ ārїkǔ pe’e mǎhsǎwehe їgǔ guikure
wїurм pare.



Wirinũgāgũta ārīp̄:

“– Eheobirikũ b̄ri sīrīmāhāḡya,” ārīp̄.

“– Pagomāgũ ñāhāke,” ārīp̄ ĩgũ māhsāwehere. ĩgũ māhsāwehere biadobop̄. ĩgũrē biadobuta:

“– Kārē borekũge, wirika mũ’ũ,” ārīp̄guikuri.

Ĩgũ idero dopāta sērērip̄ ĩgũ pagomāgũ ã e. Ƨre sāmārā ōārō ȳrip̄ ĩgũ sērēpikũ. Wahpik̄ri sāmārā wa’ak̄ ĩgũ māhsāwehe nē ȳribirip̄ pare. ĩgũ ȳribirikũ pāgũñā’āp̄. ĩgũ māhsāwehe sīrĩā wa’ap̄ pare.

Īgũ sīrĩādire ñā'ātarawiup̄, ĩgũrẽ tarawiuta
ārīp̄:

“– Eheobirikũ buri sīrĩmāhāguyab̄,” ārīp̄
guikuri.

Eropā ārīta ĩgũ pago mǎgũre siup̄.

“– Pagomāgũ... pagomāgũ...” ārīp̄. Yurita
buarip̄, buara sērērip̄. Īgũ guikuri ĩgũrẽ werer̄:

“– Ba'ari wēhēāb̄ pago mǎgũ,” ārīp̄.

“– Aḡ!” Ārī ĩgũrẽ wiripip̄ daha di'idita. Irire
ba'aḡ ōārō werenīp̄:

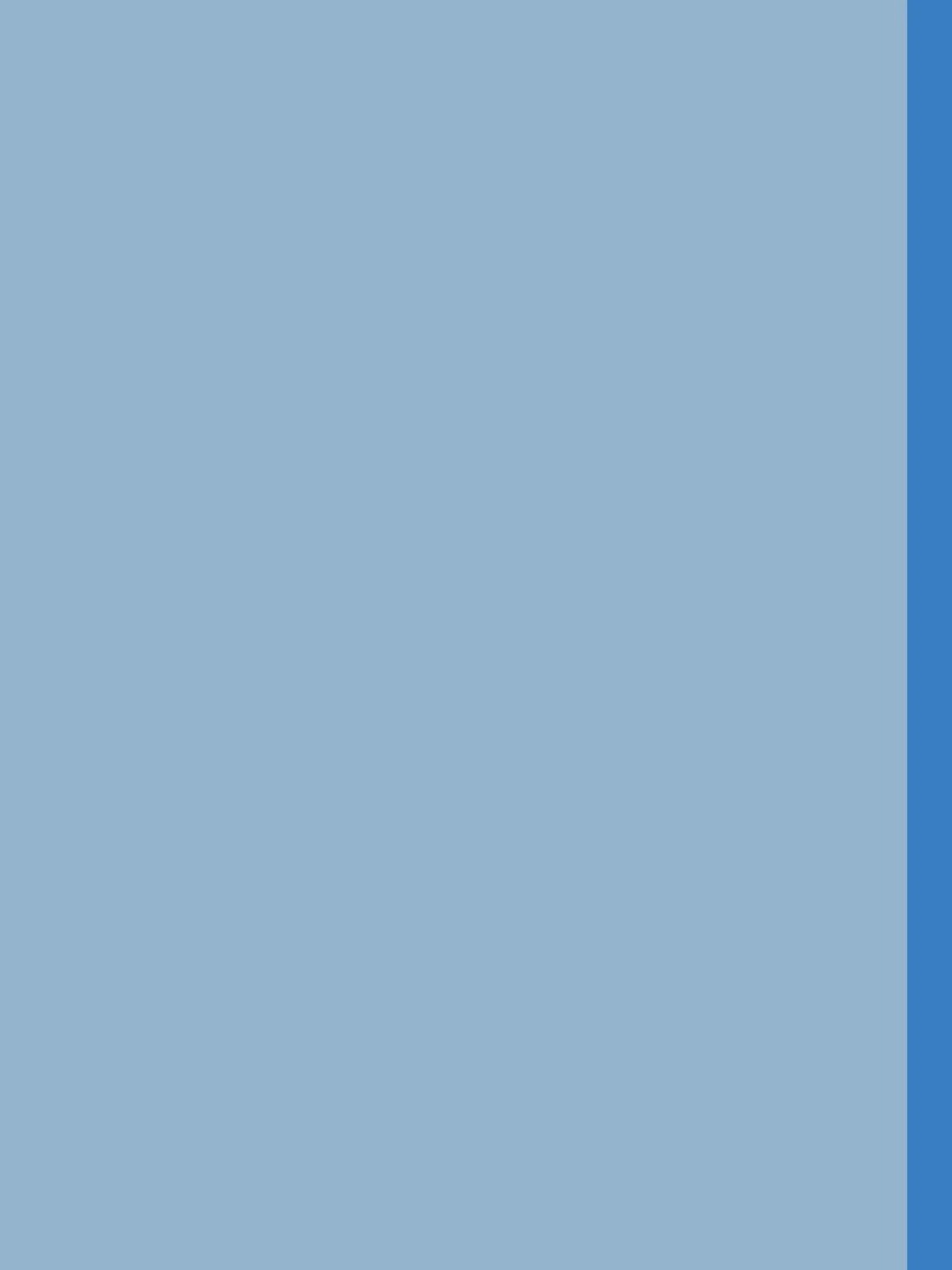
“– Pagomāḡ,” ārīp̄.

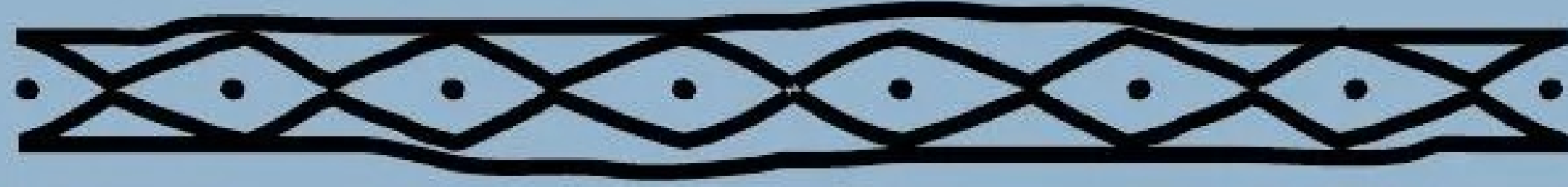
“– Mũ'ũsā ba'aba,” ārīp̄.

“– Mārī ba'ad̄arire, mũ'ũ mārāpore āīmāhā
eheoke,” arīp̄.

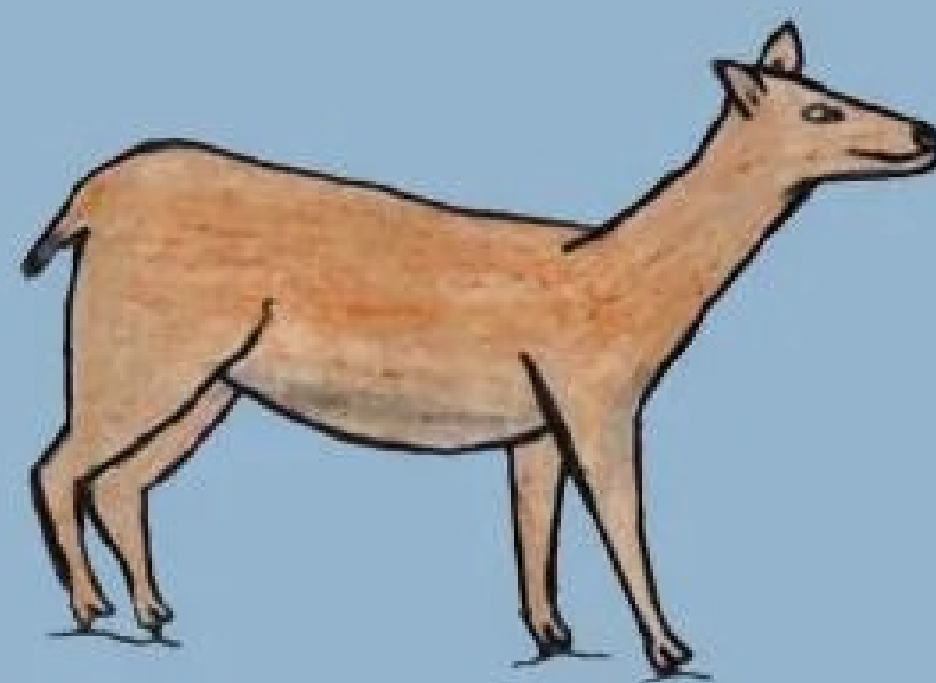
Ārī wa'awap̄.







Guikuri Ñãmã Měrã



Guikuri Ñāmā mērā

Yo'aro wa'abohkapu daha ñāmārē.

“– Nē'ē!? Pagomāgū,” ārīpu ñāmā.

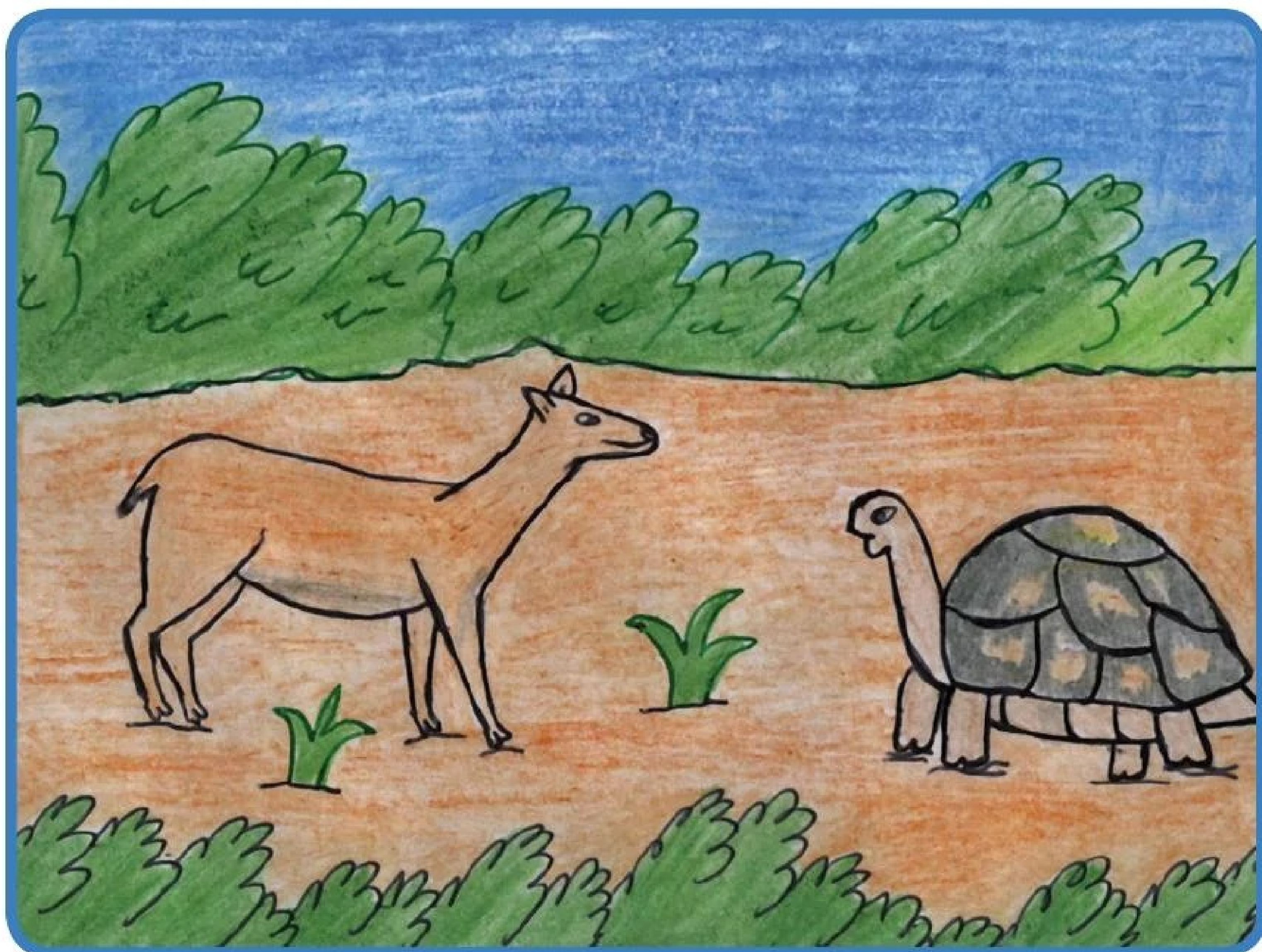
“– Mū'ūta ārīrī wāīku tūragu,” ārīpu ñāmā.

Īgū eropā ārīkūta guikuri yurīpu.

“– Yū'uta ārā pagomāgū,” ārīpu daha.

Īgū eropā ārīkū ñāmā yurīpu.

“– Eropā behagu ūmāturabokuri mū'ū,”
ārīpu ñāmā.





Īgũ eropã ãrĩkũ pe'egũ ãrĩpũ guikuri:
“– Yuhuro mēřã wirirãmãrĩ,” ãrĩpũ pare.
Eropã ãrĩta ĩgũ gũrayerire ahpimãpũ.

“– Īnã pagomãgũ,” ãrĩpṁ pare.

Wirimãgã yura yuhuburu pere mākũ sērĩpĩpṁ
yãmã ĩgũ pagomãgũrẽ. ĩgũ guikurĩpṁ wa’abĩpĩpṁ.
Īgṁ gṁrayepĩpṁ yurimũtãyuro.

Wahpikuriburi pṁṁ sĩrĩãwa’apṁ. ĩgũ
eheabirikṁ nã’ãnũrũsiagãpṁ. Eropigṁ ĩgũ
sĩrĩãdigere bohkapṁ.

Īgũ pago mãgũrẽ siupṁ daha.

“– Pagomãgũ...” Ārĩpṁ.

Yṁri bu’arĩpṁ buaha sērĩpĩpṁ. ĩgũ sērẽpikũ
guikuri ĩgũrẽ:

“– Ba’ari weheabṁ pagomãgũ,” ãrĩpṁ.

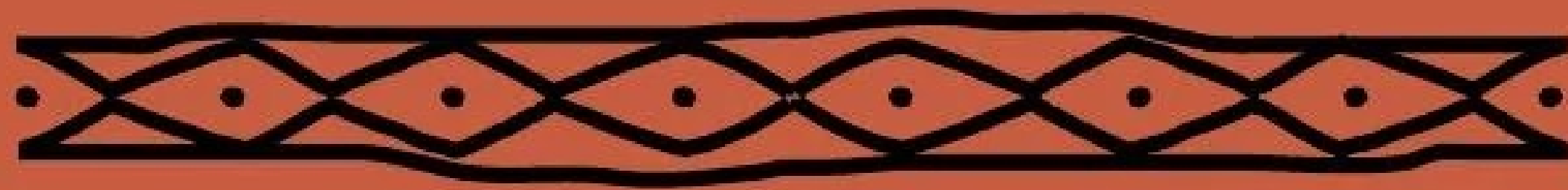
“– Aṁ!” Ārĩ ĩgũrẽ wirĩpĩpṁ di’idita. Irĩre ba’agṁ
wergenĩpṁ:

“– Pagomãgũmũ’ũsã ãba’aba”, ãrĩpṁ.

“– Mãrĩ ba’adṁarĩre mũ’ ũmãrãpore ãĩmãhã
eheoke,” ãrĩpṁ.





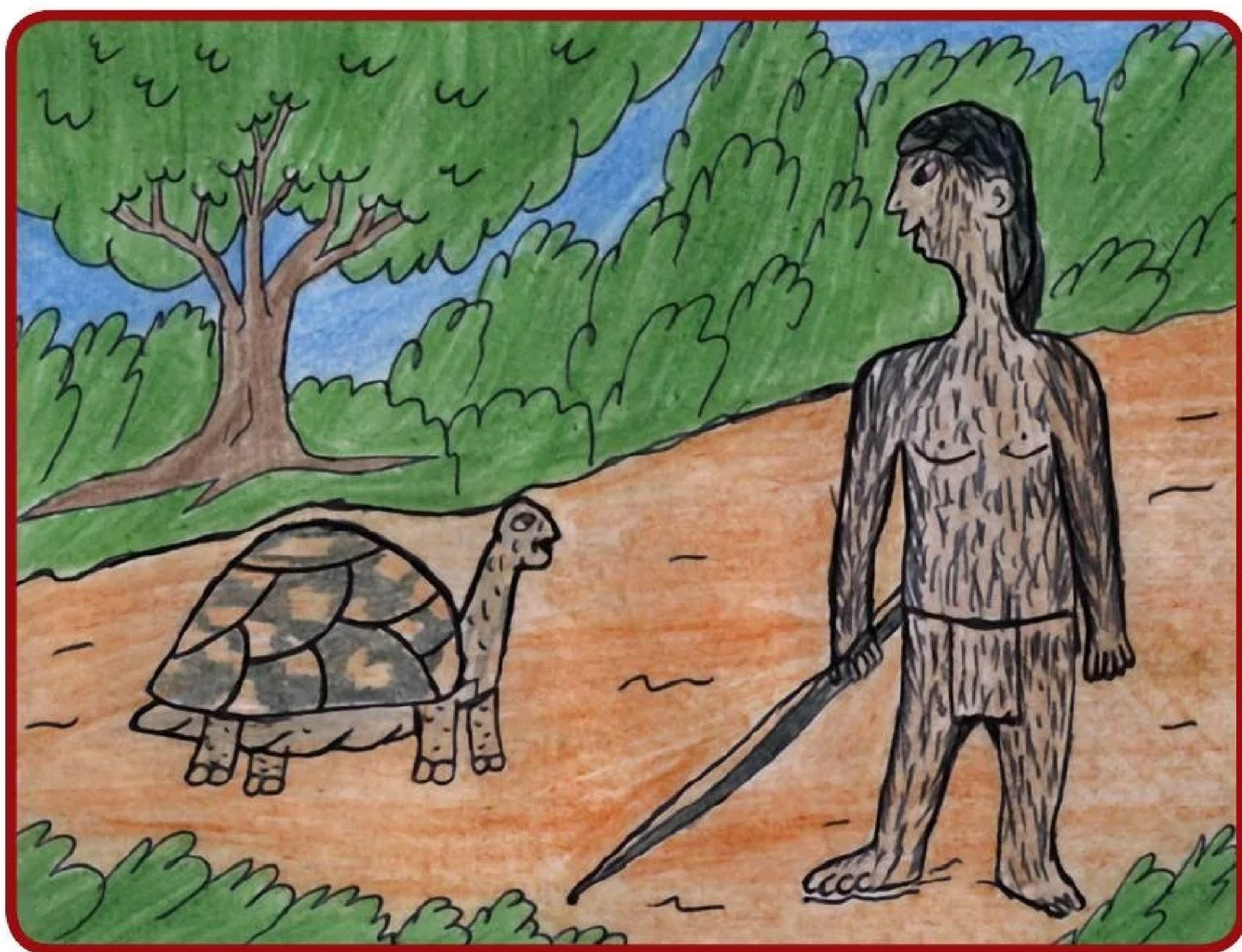


Wãhtĩ Guikuri Měrã

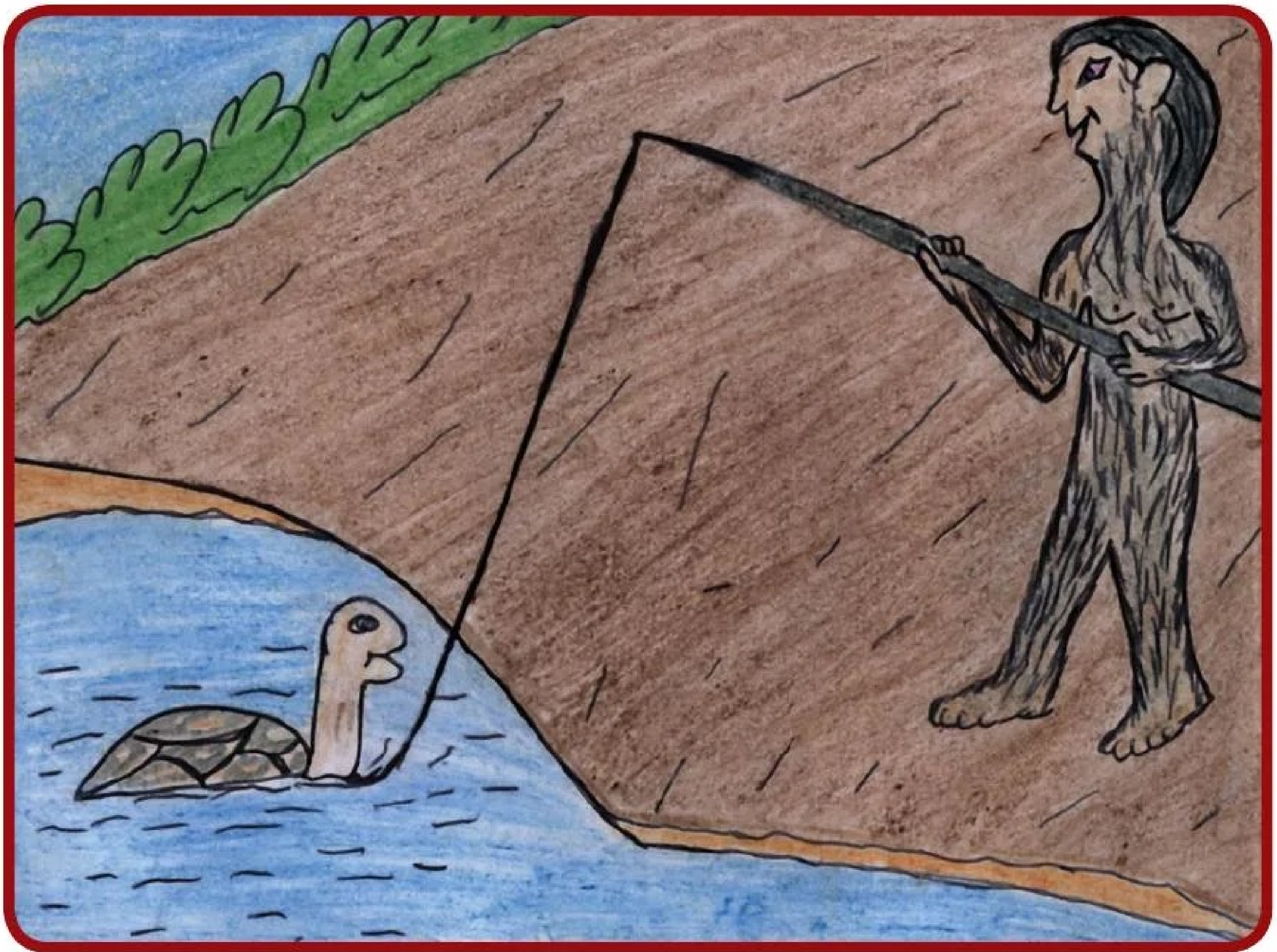


Wāhtī Guikuri mērā

Yuhunē ārkē bohkapē wāhtī guikurire.
“– Mā’ā mārī wa’i wēhēbirarā,” ārīpē īgūrē.



“– Aḥ!” ārīpē guikuri.
“– Mū’ū mū’tāke,” ārīpē guikurire.
“– Aḥ!” Ārīta irikārōrē āīwiriapē dihtaru
dehkoge. Eroge paha igē īgūre wehepē daha.



“– Үѳ’ѳ таракарекѳгета тарамѳһѳке,” әрїрѳ гуикүрі.

Еропă әрї уһудиһарѳ Ерогере diaһа әмăбоһкарѳ рїрѳwѳаgѳго. Еропи їгѳѳрогере diripikăрѳ. рѳгѳ iridare таракараре beokăрѳ. Мѳrїă tѳrogăge wăgă pa’a nă’ăpayakăрѳ pare. Еро їгѳ nă’ăpayakѳ ikărїрѳ wăhtї turari peobirakăрѳ.

Īgũ eropiri sibure iridihtaruguro kabuseya wa'ayuro. Gariborea wa'apɐ wāhtĩ.

“– Mũrĩrĩke guikuri mērō ĩmākā mũ'ũ,” ārĩpɐ wāhtĩpɐ.

Īgũ eropā ārĩkũ pe'eturoge ñā'āpayadigɐ dihia wa'apɐ. Eroge diaha ĩgũ pĩrũgere diripiaderore pāpɐ. Pɐpɐ wāgārapɐ. Eropikũ ñā'āgɐ wāhtĩ ārĩpɐ:

“– Ārĩrōta tɐragɐ ia mũ'ũ.”

“– Mā mũ'ũka pare,” ārĩpɐ guikuri wāhtĩrē.

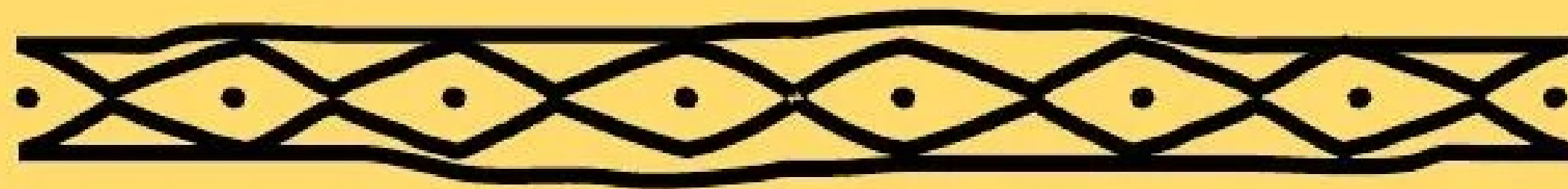


“– Aṁ!” āĩ inĩhĩāgũ iri weherikārōrē taradihia wa’apṁ. Ẽkārōge diahabirikeregṁ irikārōrē tarakare purumũhũpṁ.



Īrĩpēta guikuripṁ taramē mũhũpṁ te mũsĩge. Pṁṁ taramēdihupṁ daha ẽhtāpage taramēpipṁ. Ōārō mũhtā wa’apṁ wāhtĩ ārādigṁ. Eropigṁ ārĩpṁ guikuri ĩgũ mũrōrē.

“– Gahigṁ ārĩkũ buri wa’amāhāgṁyaburo,” ārĩpṁ guikuri.



Nõmẽã Guikuri Mẽrã

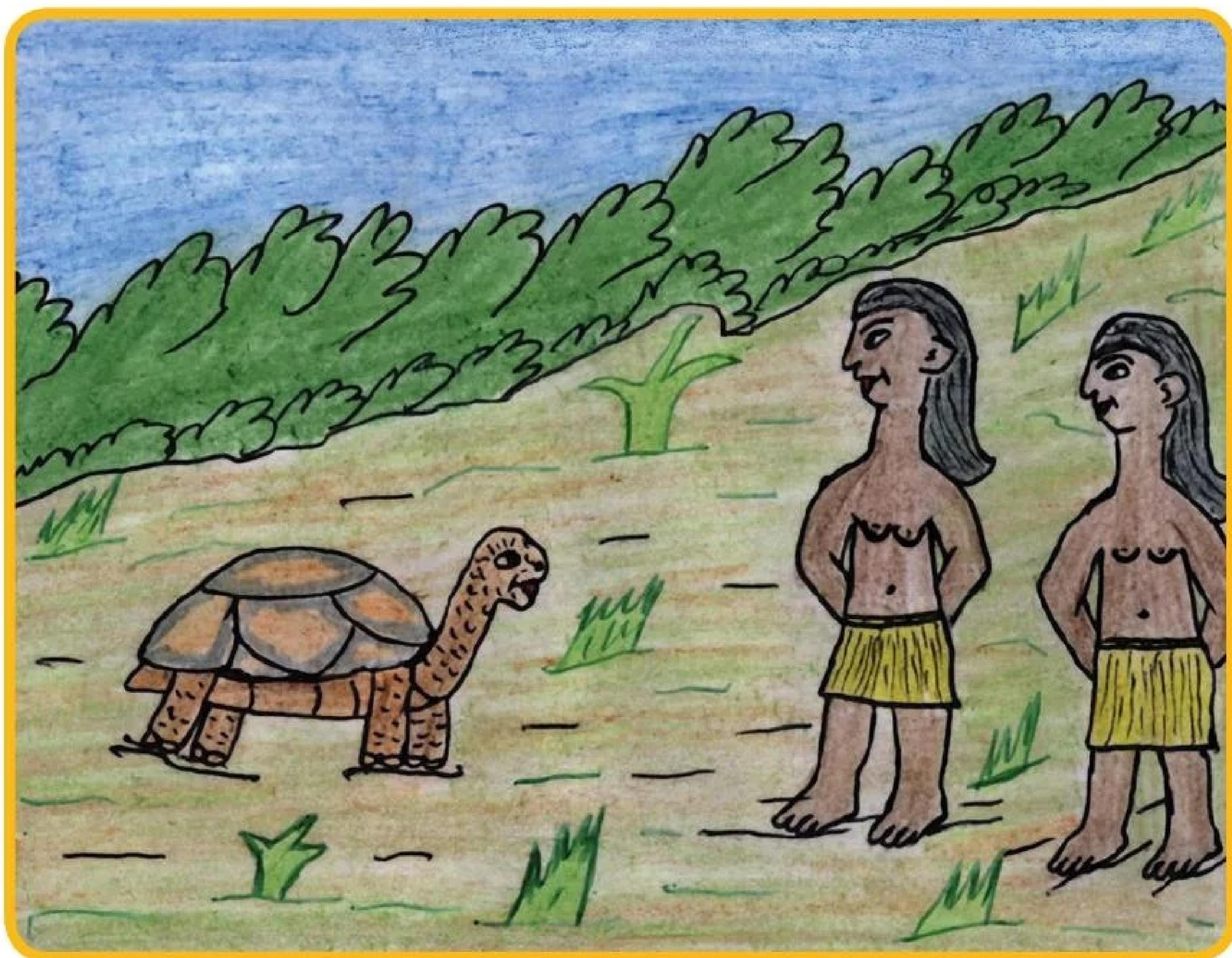


Nõmẽã Guikuri mẽrã

Yuhunũ ãrĩkũ guikurire nõmẽã põrãnõmẽ gãmẽõyura. Ėrãpũ pe'ekũrẽ buri turagũ, ãrĩpũ guikuri. Iri kere pe'ewa'apũ ěrã nõmẽ poroge. Īgũ eheakũ ñã'ãrã ĩgũrẽ serepigurã.

“– Mũ'ũta ãrĩĩ bũrituragũ?” ãrĩyurã.

“– Yũ'ũta ãrĩka,” ãrĩpũ.



“– Ero mēhērē sigorore āīgū wa’ake irigoro mū’ū āīkū yu’u mū’ūrē mārāpū kugora,” āīpo.

“– Aa!” āīpū īgūpū. Eropi īgū mūrīā wa’apū. Īgū ūhtāgūge mūrīākū nā’āgo.

“– Mū’ū māhsība,” āīpo.



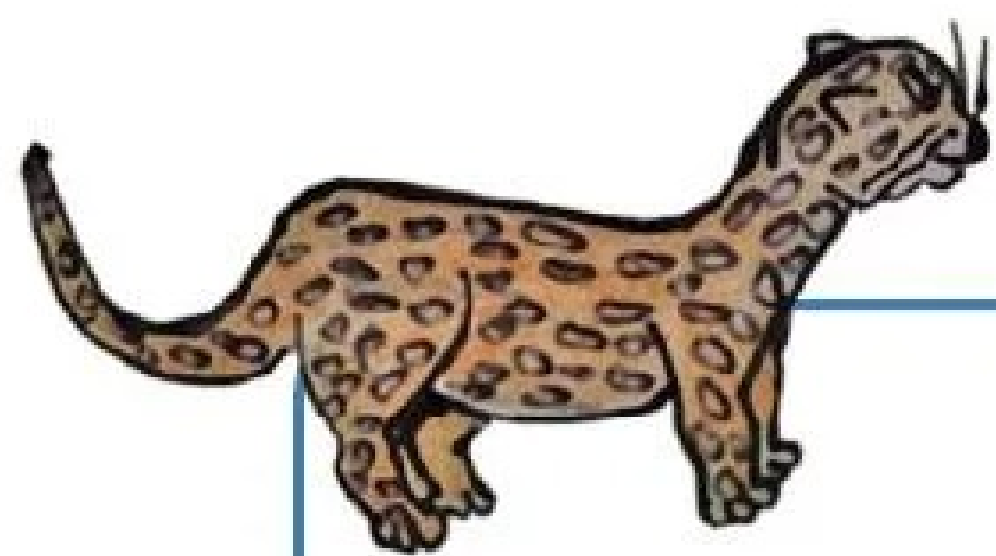
Īgū poro eheakūta būhpū pa’apū pare.
Īgū pa’adero pūgūta sīmūhū āīkāpū pare.
Īgū dihisiroge kūñūmādihiawa’apū. Igore
wiapū pare.

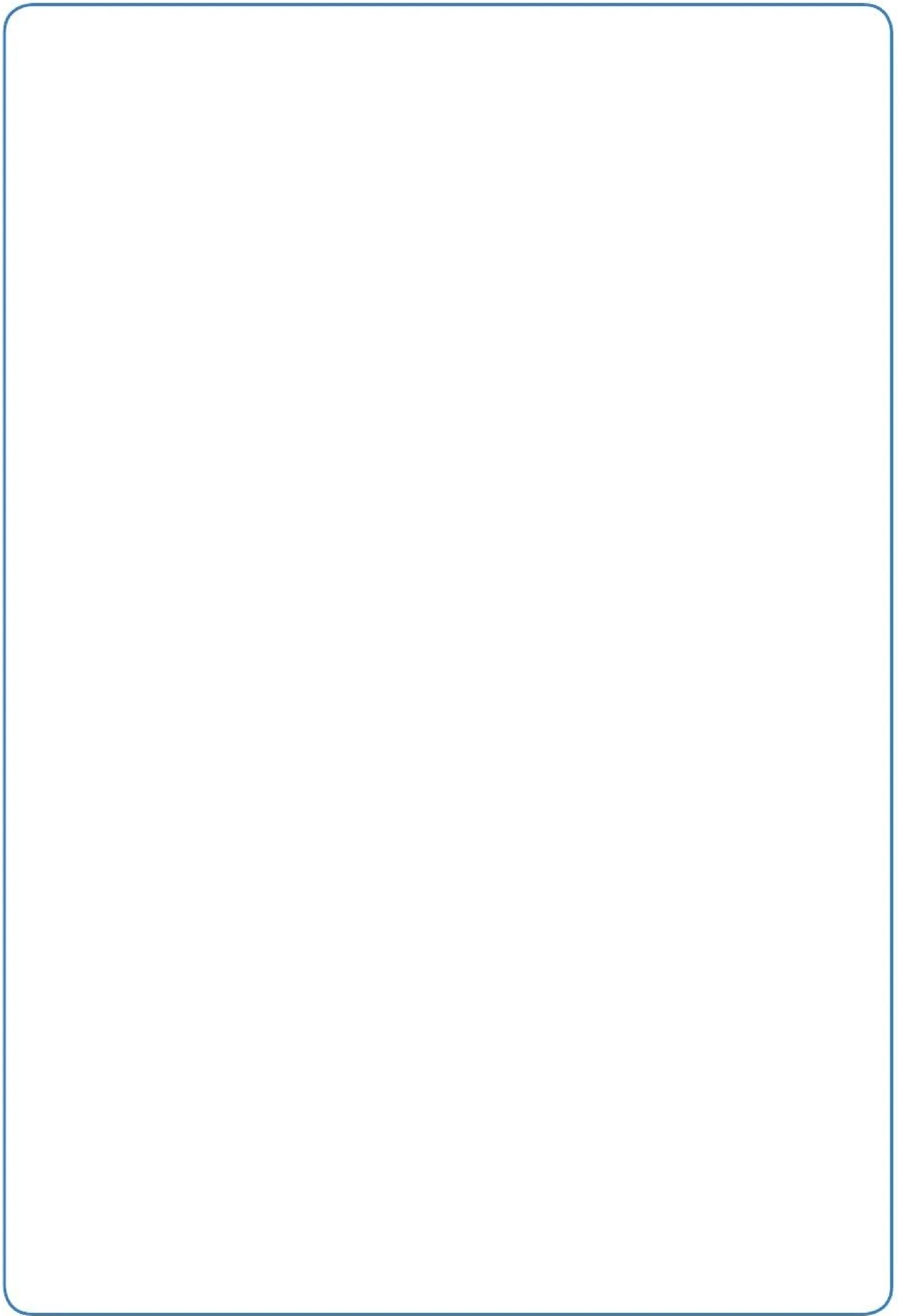
“– Aa!” Āīpo.

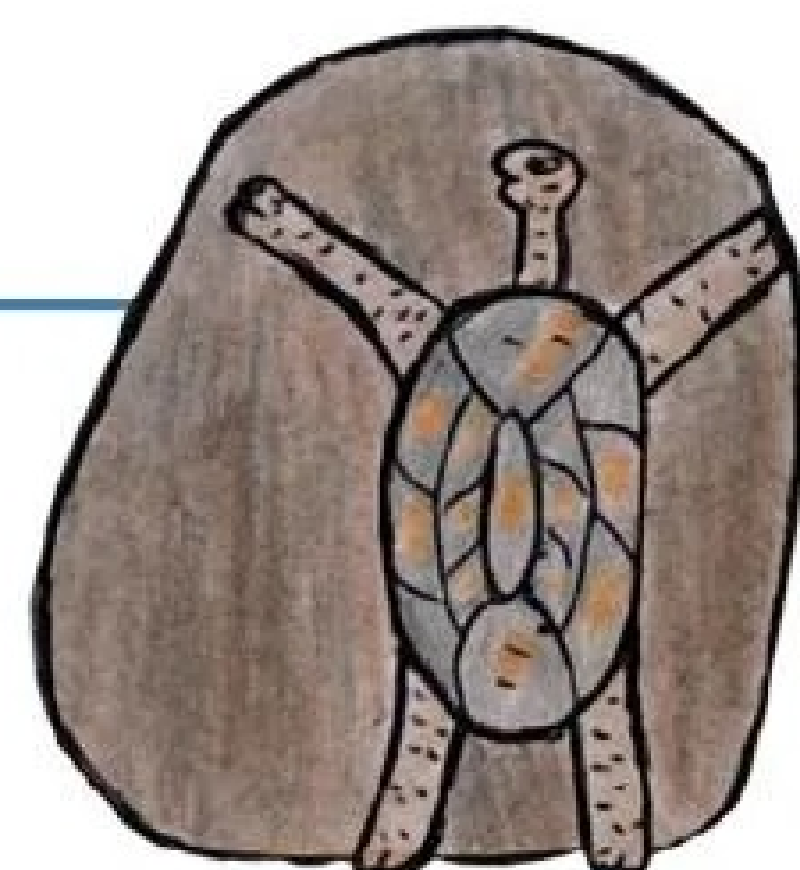
“– Mū’ū māhsū āīkū mū’ūrē
mārāpūkūboka,” āīpo.

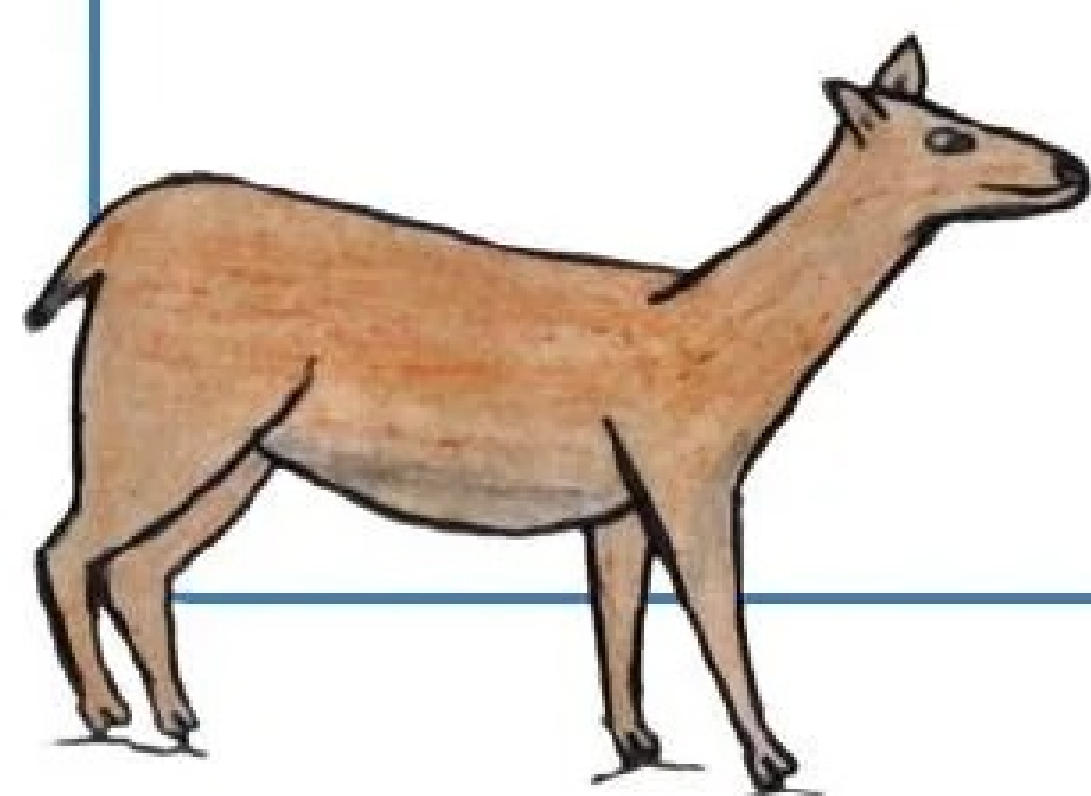
Eropigū īgū eopā beheagū āīkūmī i ūmūrē.

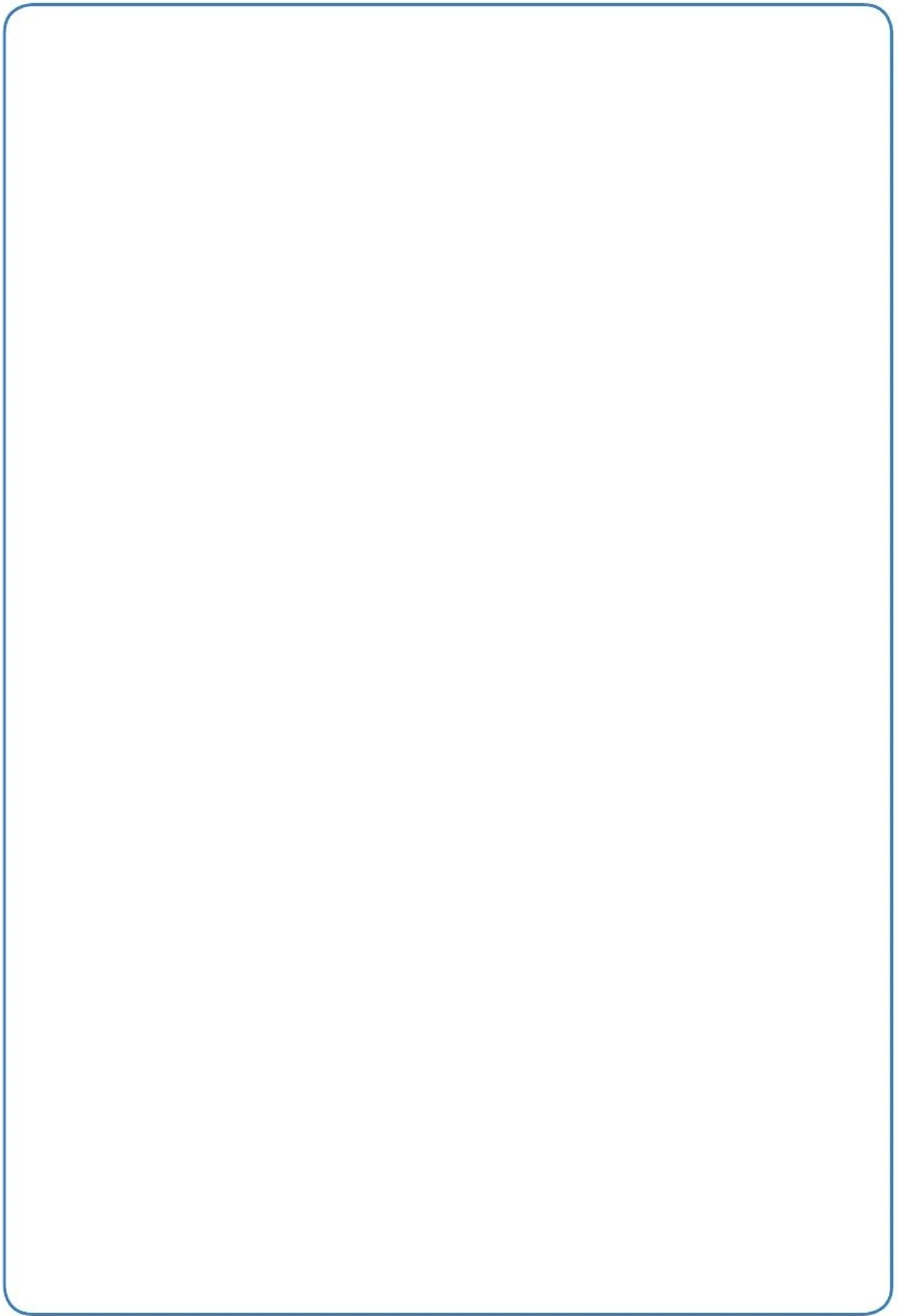


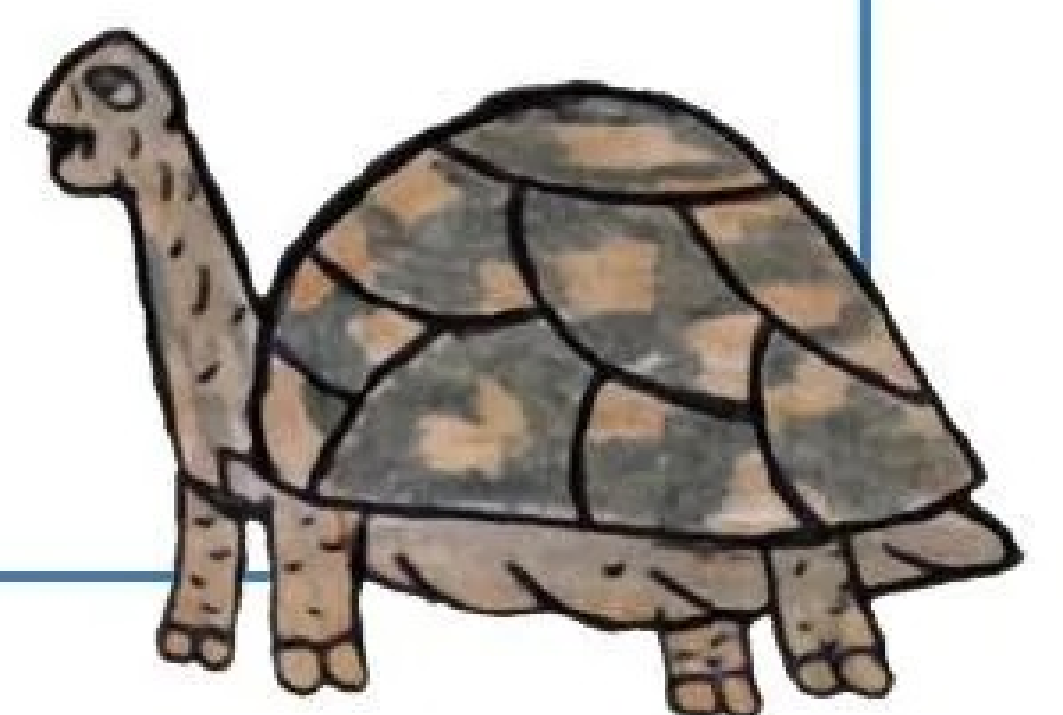




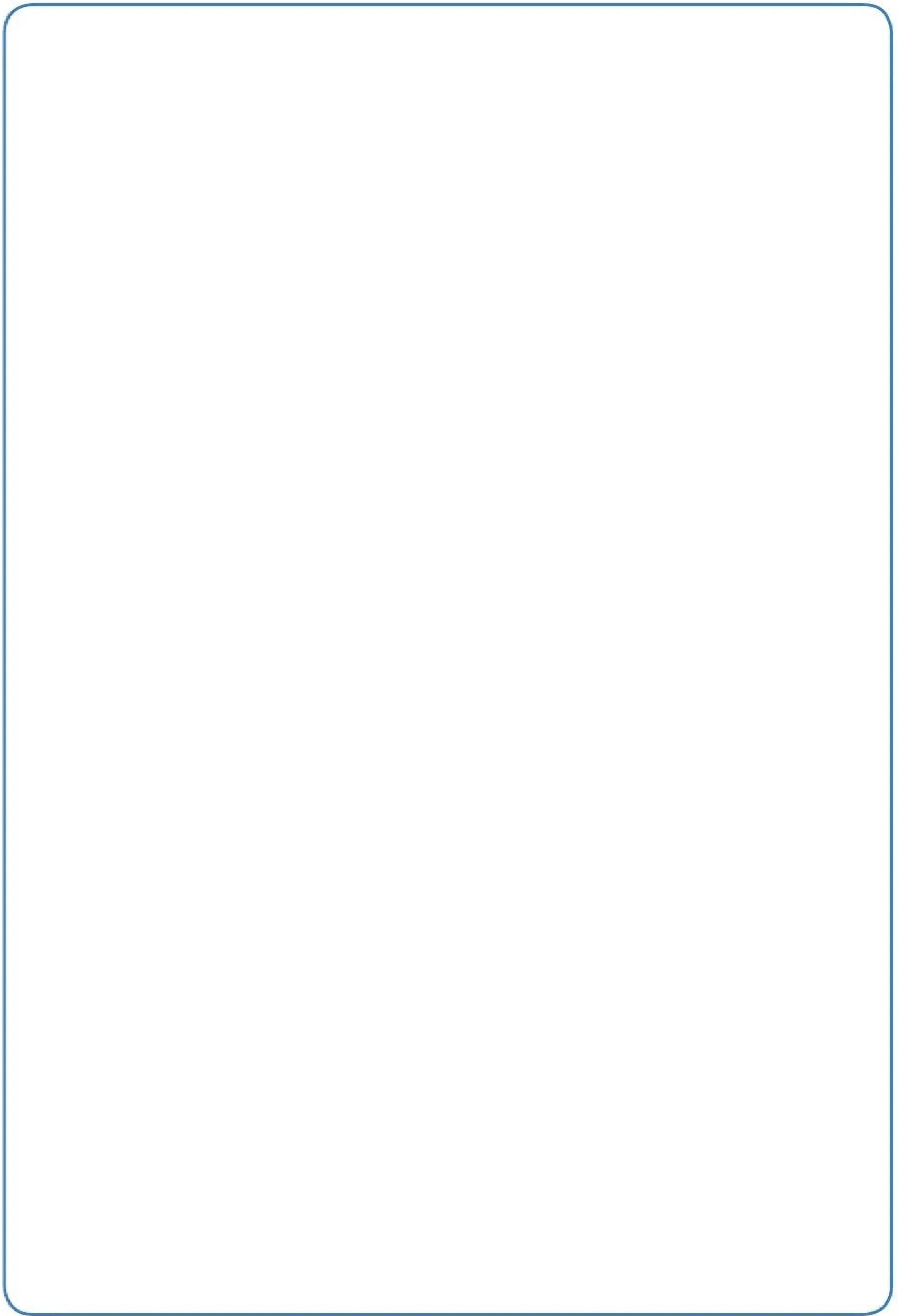




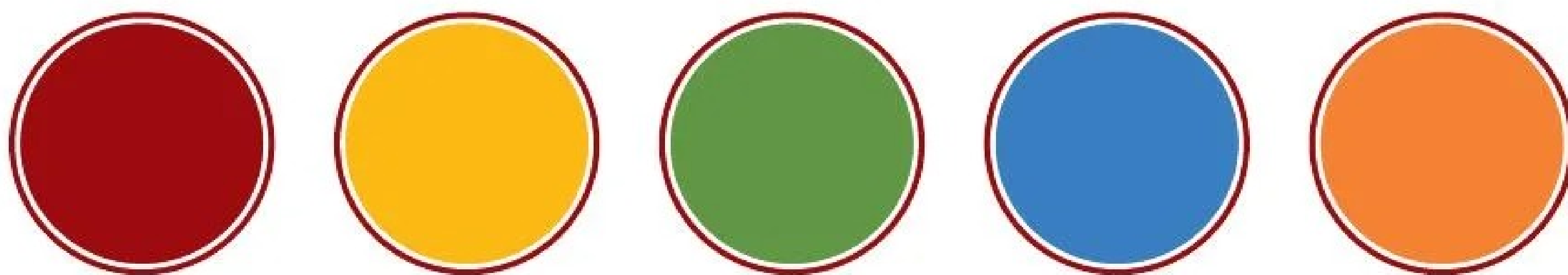












Esta publicação foi produzida como resultado de oficina nas comunidades indígenas Desano realizadas entre 2009 e 2013 pelo Programa de Documentação de Línguas e Culturas Indígenas do Museu do Índio/Funai e foi publicada em 2014.

editorial:

tipologia: arial, tekton pro.

formato: carta 21 x 28 cm

papel: 90g em impressão 4/4 cores

capa: dupla combinada papel vitacarta 350g/m² e pvc 0,3 mm

encadernação lombada quadrada

tiragem: 1000 exemplares



Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-85986-57-5



9 788585 986575

ProDoclin

Projeto de Documentação de Línguas Indígenas



Todos os direitos reservados ao povo indígena Desano.



Representação
no Brasil

SAMI



Ministério da
Justiça

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA